

NIETZSCHE E A CARACTERIZAÇÃO DO HOMEM DO RESSENTIMENTO

José Carlos S. Rocha Costa*

Resumo: O presente artigo pretende discutir o conceito de ressentimento na Genealogia da moral de Friedrich Nietzsche e em outros escritos do filósofo. Analisaremos o ressentimento em duas perspectivas. Em primeiro lugar, o ressentimento entendido como o problema individual do homem vingativo, fraco, adoecido pela incapacidade de dar conta das impressões que chegam à sua consciência. Neste primeiro aspecto, o ressentimento se expressa como memória das marcas, nas quais as forças ativas, aquelas que permitem a renovação da consciência estão interiorizadas no homem reativo. Posteriormente, trataremos o ressentimento como espírito de vingança, como um modo doente de existir, uma vez que o homem que interioriza seus instintos criadores, toma como meio de vida a vingança contra os não ressentidos.

Palavras-chave: Ressentimento. Moral. Vingança. Nietzsche.

52

1. INTRODUÇÃO

O conceito do ressentimento ocupa um papel decisivo na crítica de Nietzsche ao homem moderno. Em termos individuais, o filósofo entende o ressentimento como um efeito próprio da impotência. Há, neste sentido, uma relação intrínseca entre ressentimento e impotência. A patologia do ressentimento caracteriza um deslocamento das forças, através da invasão da memória para dentro da consciência. Ao transmutar a memória em consciência, o ressentimento não suprime a consciência, mas deixa-a fixa como uma chaga supurante, uma lembrança aflitiva que nunca é esquecida, mas sim, ressentida a cada vez que a memória é ativada.

* Licenciado em filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: carlos23412010@hotmail.com. Uma versão ampliada do presente texto, com título diferente, foi apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção do título de licenciado em filosofia, sob orientação do prof. Jasson Martins.

Em termos coletivos, o ressentimento toma o contorno de um problema social na medida que cria valores e corresponde a uma moral. Nietzsche chama de moral escrava os valores que estimulam os sentimentos de culpa e ressentimento, valores estes, que são promovidos e reforçados pela moral judaico-cristã. A moral escrava, como o autor descreve em sua *Genealogia*, tem início com a ascensão da moral sacerdotal cujo núcleo está ligado à memória. Toda vez que esta moral promove valores, expressos na negação da vida biologicamente saudável, ela impede o homem de expandir sua vontade de potência, por conseguinte, contribui para a interiorização dos instintos ativos e criadores.

Nietzsche compreende a moral como ferramenta de poder sacerdotal, como condutora do homem contra a sua própria natureza, servindo como obstáculo para a vontade. Uma vez que a vontade é, essencialmente criadora e desejosa de expansão e domínio, ela não cessa de querer mais intensidade, mais vida e mais potência, ou seja, tudo aquilo que a moral sacerdotal não deseja. Em virtude da negação do corpo e dos instintos, fisiologicamente, o indivíduo se encontra enfraquecido, pois seus impulsos ativos se encontram interiorizados e sendo sinônimo de ressentimento.

O ressentimento entendido como uma doença, a memória como incapacidade de esquecer um mal sofrido, fazem parte da constituição do homem do ressentimento. O resultado desta "antropologia invertida" é a expressão do homem impotente diante da vida e dos fatos que lhe sobrevivem. Como este homem valora? Para ele somente os humilhados são os bons, os indefesos, os humildes e os pobres de espírito, somente eles, são bem-aventurados. Nietzsche conclui que o homem submetido a esses valores, se torna reativo e impotente, por desconhecer sua própria natureza, encontra na acusação e no ressentimento uma forma de existência, porém distanciada de uma vida potente e criadora.

2. O RESSENTIMENTO ENTENDIDO COMO DOENÇA

O ressentimento é um afeto que a maioria dos homens não admite sentir. O motivo dessa omissão, por certo, se deve ao fato de que o fenômeno do ressentimento se constitua por outros afetos tristes: o ódio, a inveja, o desejo de vingança e o rancor são os seus pressupostos. Semanticamente, a palavra ressentimento carrega o sentido do "ódio

impotente contra aquilo que não se pode ser ou não se pode ter” (ABBAGNANO, 2007, p. 855).

Em primeiro lugar, o ressentimento é caracterizado por Nietzsche como um modo de viver enfraquecido, no qual o instinto de vida está esmorecido no homem, com efeito, predomina uma disposição para a vingança. O ressentimento como fenômeno psicológico individual, está para Nietzsche, relacionado a incapacidade do homem impotente de superar obstáculos e descarregar seus instintos criadores. Desta maneira, o estar doente manifesta um enfraquecimento do seu instinto de cura, de nada o ressentido dá conta, a fraqueza traduzida em um modo de viver no qual os instintos de defesa e ofensa estão abatidos. “Se existe algo em absoluto a objetar no estado de doença e de fraqueza, é que nele esmorece no homem o verdadeiro instinto de cura, ou seja, o *instinto de defesa e ofensa*. Não se sabe nada rechaçar, de nada dar conta – tudo fere” (NIETZSCHE, 1995, p. 30). O ressentido busca encontrar culpados pelo seu sofrimento, porém, na vingança, a saúde não retorna, o desejo de vingança acaba por envenenar a própria alma do sofredor “nenhuma chama nos devora tão rapidamente quanto os afetos do ressentimento” (NIETZSCHE, 1995, p. 30).

Oswaldo Giacoia Junior, em seu livro *O humano como memória e como promessa* assevera que “o ressentimento constitui a doença propriamente dita, aquilo que mantém obstruído o processo de assimilação psíquica das vivências” (2013, p. 192-193). Segundo Nietzsche, o homem do ressentimento é o sujeito incapaz de digerir suas vivências, sua única reação é a não ação, a interiorização dos seus impulsos violentos que se expressa em um modo de viver impotente. Por falta da verdadeira reação dos atos, o homem debilitado pelo ressentimento se torna um passivo doente com o mundo interior obstruído.

O aborrecimento, a suscetibilidade doentia, a impotência de vingança, o desejo, a sede de vingança, o revolver venenos em todo sentido – para os exaustos é esta certamente a forma mais nociva de reação: produz um rápido consumo de energia nervosa, um aumento doentio de secreções prejudiciais, de bÍlis no estômago, por exemplo. O ressentimento é o proibido *em sí* para o doente – *seu* mal: infelizmente também a sua mais natural inclinação (NIETZSCHE, 1995, p. 30-31).

A debilidade patológica do ressentido produz, segundo Nietzsche, um aumento de secreções prejudiciais em que o principal prejudicado é o próprio sujeito. Sua condição é de não reagir, mas de *ressentir*, revolver venenos, desejar vingança como uma forma de reparação por sua incapacidade de digerir as suas vivências, seus infortúnios, seu próprio passado. Em oposição ao que Nietzsche chama de homem nobre, o ressentido é um transvalorador impotente. Aquele que mudou a antiga forma nobre e guerreira de valorar originárias dos *vikings* e dos gregos, a partir do qual os nobres se auto intitulavam “os bons” por suas próprias características ativas tomadas como virtudes, a saber: a saúde, a coragem, a força física, a lealdade, e a crueldade em relação aos inimigos. Segundo Nietzsche, esses eram os valores aristocráticos compartilhados entre os nobres. Em contraparte, quem não era semelhante, eram os fracos, oprimidos, subjugados, infelizes e, conseqüentemente, os “ruins”.

E do mesmo modo, sendo homens plenos, repletos de força e portanto *necessariamente* ativos, não sabiam separar felicidade da ação – para eles, ser ativo é parte necessária da felicidade (nisso tem origem [fazer bem: estar bem]) (NIETZSCHE, 1998, p. 30).

55

Segundo os valores promulgados pelo sacerdote judaico-cristão, somente os humilhados são os bons, os indefesos, os humildes e os pobres de espírito, somente eles, são bem-aventurados. No entanto, submetido a esses valores, o homem se torna reativo e impotente por desconhecer sua própria natureza, encontra na acusação e no ressentimento uma forma de existência.

Em oposição ao homem do ressentimento, Nietzsche caracteriza o nobre como ativo e capaz de exteriorizar seus instintos, sendo repleto de vida toma como modelo de confiança e força a si mesmo. “O homem nobre vive com confiança e franqueza diante si mesmo “nobre de nascimento”, sublinha a nuance de “sincero” e talvez também “ingênuo”” (NIETZSCHE, 1998, p.30). Enquanto o homem do ressentimento é inundado por sentimentos venenosos que no subterrâneo de sua consciência o torna o mestre do ódio, o homem nobre afirma seus instintos e mesmo quando experimenta uma impressão que lhe causa dor e sofrimento, transmuta essa impressão em mais potência, pois sua fisiologia lhe proporciona isso. “Mesmo o ressentimento do homem nobre, quando

nele aparece, se consome e se exaure numa reação imediata, por isso não *envenenad'* (NIETZSCHE, 1998, p. 31).

A moral nobre é indicada por Nietzsche com o conceito de *pathos de distância*, cuja prática estabeleceu uma relação de distinção entre um homem de boa constituição e de uma época aristocrática superior.

Foram os “bons” mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em posição a tudo que era baixo, e vulgar e plebeu. Deste *pathos de distância* é que eles tomaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes para os valores (NIETZSCHE, 1998, p. 19).

Em oposição ao homem ressentido, fraco e plebeu, o homem nobre desfruta de um elevado sentimento de si mesmo sempre afirmando os conflitos para se alegrar com sua própria nobreza e potência. Por outro lado, o homem do ressentimento sente a necessidade de negar o outro para se sentir elevado, seu ato criador é a negação do exterior, como afirma Eder Corbanezi, no verbete Pathos da distância, do *Dicionário Nietzsche*.

56

Típico de toda criação de valores por parte dos nobres e poderosos é o fato de que eles, sentindo-se em posição mais elevada e percebendo a si próprios e a seus atos como bons, primeiramente se afirmam a si mesmos, para só depois, de maneira secundária, se colocarem em oposição ao que consideram inferior. Já as morais escravas têm por ato fundador não uma afirmação de si, mas antes a negação de um outro (CORBANEZI, *Apud*, MARTON, 2016, p. 333).

A rebelião escrava, cuja expressão mais visível encontra-se na moral, segundo Nietzsche, teve início com os judeus escravizados. Estes, detentores de um profundo ódio foram os primeiros a inverter a equação da moral nobre: “bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses” pela moral dos escravos invertida: “bom = sofredor = pobre = indefeso = humilde”. É a essa mudança que Nietzsche chama de inversão dos valores. Para o homem do ressentimento, ser bom é sinônimo de impotência.

Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação nobre [...] e com unhas e dentes (os dentes do

ódio mais profundo, o ódio impotente) se apegaram a esta inversão, a saber, “os miseráveis somente são os bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos...” (NIETZSCHE, 1998, p. 26).

Em uma obra recente e importante sobre o tema, Antonio Edmilson Paschoal, define assim o homem do ressentimento: “[...] trata-se, de um homem que não reage frente às adversidades da vida e que atribui a origem de seus infortúnios a um terceiro, àquele outro que ele compreende como culpado de seu sofrimento” (2015, p. 42-43). Todo estímulo de fora é recebido como uma agressão, tudo o ofende, tudo o fere, nada passa por ele sem ser amaldiçoado. Como suas forças estão interiorizadas – em clara oposição à exteriorização da força do nobre –, ele se revolta contra tudo o que é diferente. A sede de vingança não cessa perante sua impotência em digerir seus conflitos. Desta forma, o outro deveria agir por ele, como isso não acontece, seu sofrimento e sua dor se multiplicam, como escreve Paschoal:

Esse homem que não responde com atos às adversidades da vida, acumula em si o veneno que deveria descarregar para fora por meio dos atos, além de não possuir um “estômago” forte o suficiente para digerir aquela peçonha, que permanece acumulada, hipertrofiando o seu mundo interior (PASCHOAL, 2015, p. 43).

Como um dispéptico doente do estômago que não consegue digerir o alimento, o homem do ressentimento não consegue assimilar suas vivências, aquilo que na *Genealogia da moral* Nietzsche chama de assimilação psíquica saudável (1998, p. 47). Ele não possui a força ativa do esquecimento, que permite a consciência experimentar o novo, como uma consciência plástica. O ressentimento surge no homem como doença em virtude da sua incapacidade de esquecer e organizar seu mundo interior:

Sequestrada pelo ressentimento, a doença se torna fraqueza num sentido particularmente perigoso: em razão da debilidade, o ressentimento invade e domina a consciência do sofredor, transtornando o metabolismo psicológico que regula a

alternância entre percepção, esquecimento e memórias das vivências, sobretudo o processo de assimilação dos traços de lembranças negativas (GIACOIA, 2013, p.192).

Como uma doença que nos priva da leveza da saúde, o ressentimento sobrecarrega a consciência com impressões subterrâneas, o próprio “estar doente é em si uma forma de ressentimento” (NIETZSCHE, 1995, p. 30). Esse homem se encontra enfermo pois seus impulsos ativos se encontram interiorizados e se voltam contra si próprio, promovendo assim, a causa de sua má consciência e sendo sinônimo de ressentimento.

3. A FORÇA ATIVA DO ESQUECIMENTO

No início da segunda Dissertação de sua *Genealogia da moral*, Nietzsche afirma que a atividade de esquecer não é uma simples força de inércia, mas uma força ativa, propiciadora da fluidez e da renovação da consciência.

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar de “assimilação psíquica”) (NIETZSCHE, 1998, p. 47).

58

Sem essa força ativa saudável, o homem não poderia redimir a vontade de potência das impressões alojadas na consciência. Essa força ativa e saudável é a condição de possibilidade para o homem se contrapor ao ressentimento. Sem ela não seria possível eliminar os vermes do ressentimento que se alojam na consciência do homem moderno.

Maria Cristina Franco Ferraz (1999, p. 28) nota que “o esquecimento não viria apagar as marcas já produzidas pela memória, mas, antecedendo à sua própria inscrição, impediria, inibiria qualquer fixação”. Nesse sentido, a memória é pensada como uma faculdade reativa. É a memória que se sobrepõe ao esquecimento, tornando o homem incapaz de esquecer, ou melhor, de digerir as impressões recebidas pela consciência. Como afirma Deleuze, em termos orgânicos, “Nietzsche pensa a memória como uma digestão que não termina” (DELEUZE, 1976, p. 96).

A noção de assimilação psíquica saudável é o que apoia a consciência e reconstitui, a cada instante, a sua frescura, a sua fluidez, o seu elemento químico móvel e leve. Sem essa força ativa saudável, não poderíamos pensar o novo. O esquecimento possui, portanto, uma relevância considerável do ponto de vista psíquico, e “[...] logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento” (NIETZSCHE, 1998, p. 47-48).

Em um corpo obstruído no qual predominam as forças reativas, existe o desenvolvimento da faculdade oposta ao esquecimento, ou seja, existe o desenvolvimento de uma memória como uma maneira de suplantar as forças ativas.

Uma vez minada a força plástica do esquecimento, o sofredor se torna incuravelmente ressentido, porque sua consciência é pervadida pelos traços das lembranças aflitivas, que atraem como imã a energia dos outros estados psíquicos (GIACOIA, 2013, p. 192).

O ressentido é caracterizado por Nietzsche como o possuidor de uma memória dos traços das impressões, sendo um homem incapaz de esquecer. Esta incapacidade do ressentido de esquecer, impede-o de flexibilizar a consciência para novas criações. Esta incapacidade é que faz o homem ressentir inúmeras vezes a mesma impressão experimentada pela consciência e, ao mesmo tempo, impede que ele se expresse de maneira criativa, jovial e sempre nova.

Para além da impotência de agir, o ressentimento se expressa no homem impotente como espírito de vingança. O homem obstruído sente a necessidade passiva de acusar, como única forma de obter reparação perante homem que afirma seus instintos. Neste processo, nada cria, apenas reage, como afirma Vânia Dutra de Azeredo no verbete Ressentimento do *Dicionário Nietzsche*.

Em virtude de não ter mais a sua reação acionada, revolta-se contra tudo com que se depara e sente necessidade de vingar-se dos outros, enquanto derivação direta de sua incapacidade de agir e reagir à excitação, de forma que passa a conceber o mundo como a razão do seu ressentimento (AZEREDO, *Apud*, MARTON, 2016, p. 365).

Desta forma, o ressentimento é caracterizado por Nietzsche, como um afeto impotente de ódio contra o homem fisiologicamente saudável, contra o homem que afirma a vida e se alegra com sua própria potência. Porém, esta vingança só acontece na imaginação do homem do ressentimento. É por isso que Nietzsche a caracteriza de *vingança imaginária*, uma vez que ela impede o ressentido de experimentar uma relação saudável com a vida, cuja expressão é a expansão de potência: “O ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma *vingança imaginária* obtêm reparação” (NIETZSCHE, 1998, p. 28-29).

Viver é para ele passar o tempo investindo nos impulsos que conservam sua existência, como único meio de reparação que ele encontra, como acusador.

Precisamente esse animal que necessita esquecer, no qual o esquecimento é uma força, uma forma de saúde *forte*, desenvolveu em si uma faculdade oposta, uma memória, com cujo auxílio o esquecimento é suspenso em determinados casos – nos casos em que se deve prometer: não sendo um simples não-mais-poder-livrar-se da impressão uma vez recebida, não a simples indigestão da palavra uma vez empenhada. (NIETZSCHE, 1998, p. 48).

60

É por causa desta má digestão das impressões que lhes chegam ou, em linguagem nietzschiana, por causa do funcionamento dispéptico da consciência, que o sujeito sente dores e sofrimentos constantes.

4. MEMÓRIA DAS MARCAS E DAS IMPRESSÕES

A incapacidade do ressentido de esquecer faz com que ele vivencie, com ressentimento, inúmeras vezes o que lhe aconteceu ou acontece. Esse ressentimento o impede de criar. O “assim foi”, marca profundamente a sua memória e as suas impressões. O passado, portanto, é o seu algoz cruel. Por conseguinte, o futuro, expresso na vontade de potência que quer expandir a vida e intensificá-la, é entrevada pelo ressentimento.

No discurso *Da redenção* do *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche afirma: “‘Foi’: Assim se chama o ranger de dentes e solitária aflição da vontade. Impotente quanto ao que foi feito – ela é uma irritada espectadora de tudo que passou” (NIETZSCHE, 2011, p. 133). O homem

que não consegue transmutar “Assim foi” em um “Assim eu quis!” e afirmar o acaso, sofre por não conseguir redimir o passado e, conseqüentemente, sua vontade não consegue criar e se expandir “redimir o que passou e transmutar todo ‘Foi’ em Assim eu quis! – apenas isto seria para mim redenção!” (NIETZSCHE, 2011, p. 133). O passado se torna um fardo, pois suas marcas não desceram para o processo de digestão no inconsciente. Resultado: ele não consegue esquecer. O acaso, ou seja, a definição do que lhe aconteceu, não foi absorvido pelo seu organismo. Assim como alimento quando absorvido torna o organismo forte e quando não absorvido debilita-o, assim também o passado deixa a sua marca no homem impotente, uma vez que ele foi incapaz de transmutá-lo em seu alimento.

Na obra *Crepúsculo dos ídolos* Nietzsche apresenta esta ideia de transmutar. Assim como os alquimistas pretendiam transmutar uma substância menos nobre em ouro, Nietzsche enseja transmutar o que aconteceu ao sujeito, (o passado) em mais potência (no presente). Ele sintetiza esta ideia claramente em uma máxima: “Da escola de guerra da vida – o que não me mata me fortalece” (NIETZSCHE, 2006 p. 10). Aquilo que aconteceu de ruim, no sentido extra moral, no homem fisiologicamente bem constituído, vai para o processo de digestão no inconsciente, servindo de alimento para que ele se torne mais forte, expanda mais a vida, através do viver.

Desta forma, o homem nobre é aquele que, por ser fisiologicamente saudável, supera as barreiras, supera a si mesmo a todo momento e não acusa a vida de ser imperfeita. Mesmo quando este homem nobre experimenta uma impressão que lhe causa dor e sofrimento, transmuta essa dor e este sofrimento preciso em mais potência, pois o esquecimento lhe proporciona isso.

Diferente do nobre, no homem do ressentimento, a reação não é imediata, porque ele, no lugar do esquecimento, alimenta a memória, como afirma Gilles Deleuze: “[...] o que caracteriza o homem do ressentimento é a invasão da consciência pelos traços mnêmicos, a subida da memória para dentro da própria consciência” (1976, p. 95). A partir das memórias das marcas, Nietzsche desenvolve o segundo aspecto do ressentimento, o espírito de vingança.

5. O HOMEM IMPOTENTE E O DESDOBRAMENTO DO RESENTIMENTO NO ESPÍRITO DE VINGANÇA

A dispepsia do homem reativo se torna crônica e visível, cujo resultado é o estabelecimento de uma relação ressentida com a vida. A relação com os seus infortúnios proporciona o desenvolvimento de um espírito de vingança. O homem impotente e reativo sente a necessidade de culpar alguém pela sua incapacidade de digerir as marcas do passado. Ele sofre e sente a necessidade de apontar a causa de seu sofrimento.

O equívoco não está fora, mas sim na sua maneira de reagir àquilo que lhe acontece: ao ressentir do passado, transformando o esquecimento em memória, sua existência se constituiu como uma doença. Sua obra, diferentemente da criação nobre, não passa de uma rebelião, de uma negação de tudo o que foi criado, como escreve Nietzsche:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora” um “outro” um “não-eu” – e este Não é seu ato criador (NIETZSCHE, 1998, p. 28-29).

Mas na acusação sua saúde não retorna, porque a causa de seu sofrimento está relacionada com sua fisiologia, ou seja, com o seu corpo. A partir da crença na demonização dos seus instintos, introduzida pelo sacerdote, o homem reativo interioriza seus impulsos ativos, transmutando-os em sofrimento, pois sua vontade de potência não consegue se expandir e seus instintos estão aprisionados: “[...] todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro – isto é o que chamo de interiorização do homem” (NIETZSCHE, 1998, p. 73).

Todos seus instintos ativos de animal rapinante; a sede de domínio, o prazer na destruição, a crueldade perante o inimigo, a hostilidade, o assenhorar-se do poder, se voltam contra o próprio sujeito, revelando a sua natureza, pois a tentativa de domesticar o animal homem, é destruí-lo.

Esse homem que, por falta de inimigos e resistências exteriores, cerrado numa opressiva estreiteza e regularidades de costumes,

impacientemente lacerou, perseguiu, correu, espicidou, maltratou a si mesmo, esse animal que querem “amansar”, que se fere nas barras da própria jaula, este ser carente. [...] esse tolo, esse prisioneiro presa da ânsia e do desespero tornou-se o inventor da “má consciência” (NIETZSCHE, 1998. p. 73).

Esse homem que não consegue descarregar para fora seus impulsos violentos, como bem escreveu Nietzsche, acaba por se ferir dentro de sua própria jaula. A partir da criação do estado e da regularidade dos costumes e dos valores assumidos como “bons”, os homens se tornaram animais domésticos, cada vez mais mansos por falta de resistências exteriores.

É a partir deste traço distintivo da vida que a própria vida aparece ao ressentido como algo negativo e hostil. Logo, é através de uma avaliação negativa da vida que ele passa a definir a vida, ou seja, a partir de seu aspecto antinatural. A consequência desta avaliação negativa da vida atinge e fundamenta a moral do homem ressentido, pois esta é a exteriorização do caráter antinatural da vida. Considerada em si mesma a natureza está para além do bem e do mal; a moral, no entanto, é uma invenção humana demasiada humana, que vai contra a natureza da vida, contra, portanto, o homem.

No discurso do *Assim falou Zaratustra* intitulado *Das tarântulas*, Nietzsche usa a imagem da tarântula como signo da vingança do ressentimento:

Vingança trazes na alma: onde mordes, cresce uma crosta negra; com vingança teu veneno faz a alma girar! Então falo convosco por imagens, vós que fazeis rodar a alma, vós, pregadores da igualdade! Tarântulas sois para mim, e seres ocultamente vingativos! Mas porei à mostra vossos pontos ocultos: por isso vos rio no rosto minha risada das alturas (NIETZSCHE, 2011, p. 95).

A tarântula que morde e que prega a igualdade, ou seja, o homem do ressentimento, o vingativo, ele se vinga em relação a quem? Se vinga em relação ao senhor, em relação ao nobre, contra o forte, contra aquele que é diferente dos ressentidos.

Eu vos levei para bem longe dessas cantigas fabulosas, quando vos ensinei que ‘a vontade é criadora’. Todo ‘Foi’ é um pedaço,

um enigma, um apavorante acaso – até que a vontade criadora fala: ‘Mas assim eu quis’ [...] A vontade já se tornou seu próprio redentor e mensageiro da alegria? Desaprendeu o espírito de vingança e todo ranger de dentes? (NIETZSCHE, 2011, p. 134).

Em um outro discurso, aquele das *Três metamorfoses do espírito* Nietzsche compara o nobre, ou seja, o criador de novos valores como uma criança, por possuir intacta a faculdade do esquecimento e por dizer sim a vida.

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, sagrado dizer-sim. Sim para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo (NIETZSCHE, 2011, p. 29).

A vontade do homem nobre é livre para poder criar os seus próprios valores. Sua vontade equivale a um dizer sim a vida, um querer a mudança e o conflito, um desejar o devir. Esse dizer sim, presente e natural em toda criança, fisiologicamente saudável, mata todo ressentimento. A vontade que é, por essência criadora, anseia pela sua liberdade, faz de tudo para expressar a sua liberdade através da conquista do seu mundo.

Por outro lado, não é através de sua vitalidade e sim por meio de sua impotência e de seu ódio que o ressentido deseja o reino da igualdade entre todos. Para o homem do ressentimento os fortes não podem exercer sua força e afirmar seus instintos, eles devem ser animais domésticos, mansos e culpados.

6. CONCLUSÃO

O grande mérito de Nietzsche, em sua *Genealogia da moral*, foi conceder uma grande importância para o ressentimento como afeto. No quadro teórico da criação de valores, o ressentimento é o que fundamenta e justifica a moral judaico-cristã, bem como perpetua a impotência psicológica dos homens, uma vez que os mantêm cheios de ódio e sedentos por vingança. Nos tempos atuais, o ressentimento é um afeto muito comum nas relações humanas: ele está presente e é disseminado e reforçado, diariamente, nas redes sociais. Levando em consideração o

âmbito micro, ele aparece no trabalho, na igreja e na escola; no âmbito macro, ele aparece nas relações econômicas e bélicas entre países. Uma investigação sobre o conceito de ressentimento, à luz das ideias de Nietzsche, pode auxiliar na melhor compreensão do funcionamento intrapsíquico deste afeto; pois nele expressa-se a compreensão das relações que o homem de hoje estabelece, seja consigo mesmo, com as instituições, com o passado e com o presente.

A proposta entrevista por Nietzsche, qual seja, a substituição da moral vigente, pela moral do super-homem, expressão da moral do homem livre dos vermes do ressentimento, é uma proposta de retomada da vontade de potência íncita que constitui o homem. Esta proposta, exemplificada na moral grega – expressa seus heróis trágicos – possui um forte elemento orgânico-biológico, uma vez que a vida é puramente vontade de: vontade de expandir-se, vontade de afirmar-se como vida. Viver, pura e simplesmente, como exteriorização do que o homem possui de orgânico, sem a necessidade de nenhuma outra virtude que lhe seja externa, eis a forma de superação do ressentimento e retomada da potência de vida. Uma proposta para homens de rebanho? Certamente, não! Esta proposta é para qualquer um, qualquer um homem que assuma a sua vida como uma criação e exteriorização da vida, qualquer um capaz de transformar tudo aquilo que o ameaça em ampliação de vida.

O homem do ressentimento não é nada de tudo isso. Sua constituição ressentida é, por si mesmas, fruto da forma como encara a vida. O que lhe acontece – através dos fatos explicáveis ou não – acaba assumindo um caráter não natural, um caráter que não lhe é próprio. O resultado é o surgimento de uma vida artificial, que precisa de uma interpretação transcendente, cuja essência, aos olhos de Nietzsche é expressão de uma doença, expressão da vida interpretada e não da vida vivida, exteriorizada.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Rio, 1976.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Nietzsche: esquecimento como atividade. *Cadernos Nietzsche*, v. 7, 1999, p. 27-40.

JANZ, Curt. P. **Friedrich Nietzsche**: uma biografia. Petrópolis: Vozes, 2016 [3 v.].

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. [Edição original: 1887].

_____. **Crepúsculo dos ídolos**: ou como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. [Edição original: 1889].

_____. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. [Edição original: 1908].

_____. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. [Edição original: 1883-85].

JUNIOR, Oswaldo GIACOIA. **O humano como memória e como promessa**. Petrópolis: Vozes, 2013.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **Nietzsche e o ressentimento**. São Paulo: Humanitas, 2015.

MARTON, Scarlet. (ORG.). **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2016.

66



José Carlos S. Rocha Costa

<http://lattes.cnpq.br/8168093696449788>